



O GÊNERO NOTÍCIA EM SALA DE AULA: REFLEXÕES PARA UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

THE NEWS GENRE IN THE CLASSROOM: REFLECTIONS FOR AN INTERDISCIPLINARY DIALOGUE

[10.29073/naus.v3i1.853](https://doi.org/10.29073/naus.v3i1.853)

RECEÇÃO: 9 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 19 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: X de X de 2023.

AUTOR/A 1: André Santos , Universidade Federal do Norte do Tocantins e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil, andre.santos@ifma.edu.br.

AUTOR/A 2: Maria de Pinho , Universidade Federal do Tocantins, Brasil, mjpgon@mail.uft.edu.br.

AUTOR/A 3: Janete dos Santos , Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil, janetesantos@uft.edu.br.

RESUMO

Este artigo busca provocar reflexões sobre a pertinência e possibilidades de uso do gênero textual notícia, veiculado em jornais eletrônicos, em sala de aula, com base na perspectiva teórica da interdisciplinaridade. Na atualidade, com a popularização de equipamentos eletrônicos, as pessoas vivem em contato diário com esse gênero, seja por buscá-lo propositalmente, seja por serem interpeladas por ele acidentalmente. Entendemos que as informações presentes nesses textos, além de estabelecerem relação com fatos temporalmente e às vezes espacialmente próximos do leitor, agregam elementos de diferentes áreas disciplinares. Estes são os pontos de partida para nossas reflexões, o que justifica a presente discussão, fundamentada em estudos atuais sobre a interdisciplinaridade, a esfera jornalística na sociedade e o uso do jornal em sala de aula. O estudo tem como *corpus* uma notícia veiculada no jornal *O Progresso*, de Imperatriz — MA, do dia 11 de junho de 2016, o que atribui à pesquisa um caráter documental. Destacamos ainda que, pelo caráter documental e bibliográfico do trabalho, fizemos levantamento de aspectos teóricos que subsidiam as reflexões acerca da interdisciplinaridade, da circulação do gênero textual notícia no cotidiano das pessoas e sua pertinência em práticas pedagógicas, bem como da leitura da notícia analisada.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-Aprendizagem; Gênero Notícia; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article seeks to provoke reflections on the relevance and possibilities of using the textual genre news, published in electronic newspapers, in the classroom, based on the theoretical perspective of interdisciplinarity. Nowadays, with the popularization of electronic equipment, people live in daily contact with this genre, either by seeking it out on purpose or by being approached by it accidentally. We understand that the information present in these texts, in addition to establishing a relationship with facts temporally and sometimes spatially close to the reader, brings together elements from different disciplinary areas. These are the starting points for our reflections, which justify the present discussion, based on current studies on interdisciplinarity, the journalistic sphere in society and the use of newspapers in the classroom. The study's corpus is a news item published in the newspaper *O Progresso*, from Imperatriz — MA, on June 11, 2016, which gives the research a documentary character. We also highlight that, due to the documentary and bibliographic nature of the work, we surveyed theoretical aspects that support reflections on interdisciplinarity, the circulation of the news textual genre in people's daily lives and its relevance in pedagogical practices, as well as the reading of the analyzed news.



KEYWORDS: Interdisciplinarity; News Genre; Teaching-Learning.

1. INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O movimento da interdisciplinaridade surgiu como alternativa ao fazer científico e à abordagem do conhecimento guiados pela lógica reducionista, simplificadora, herdada do paradigma hegemônico da ciência moderna. Esse movimento teórico, preconizador do diálogo entre os saberes disciplinares como método de lidar com as exigências decorrentes das transformações por que passou e passa a sociedade, estimulou estudos e pesquisas em âmbito como o educacional, em busca de uma melhor apreensão dos fenômenos em sua complexidade.

Sob o viés interdisciplinar, consideramos pertinente o estudo acerca do uso do gênero textual notícia em sala de aula, dada a sua inerência ao cotidiano das pessoas e a perspectiva de entrelaçamento de informações de áreas distintas na sua constituição. Dessa forma, refletimos aqui sobre possibilidades de uso desse gênero na esfera educacional, a partir de uma visão mais abrangente. Consideramos também importante priorizar os jornais eletrônicos como veículos desse gênero, observando o apego das pessoas, principalmente adolescentes e jovens, a objetos eletrônicos como o celular, o que, para um trabalho dessa natureza, torna mais fácil o acesso a esses textos.

O trabalho, embasado em estudos de autores da atualidade, inicia-se com algumas observações históricas e conceituações, como forma de compreendermos melhor o contexto de surgimento da interdisciplinaridade e suas bases epistemológicas. Em seguida, discorreremos sobre a circulação e natureza dos textos jornalísticos na sociedade, com ênfase para o gênero notícia, e procuramos identificar elos desse gênero com possibilidades de práticas educacionais interdisciplinares.

O estudo tem como *corpus* uma notícia publicada nas versões impressa e *online* do jornal *O Progresso*, de Imperatriz — MA, do dia 11 de junho de 2016, acerca de uma realidade que permanece na cidade. A análise do texto, calcada nas teorias que fundamentam este estudo, tem caráter documental e abordagem qualitativa. Não direcionamos o trabalho para um nível de ensino específico, por considerarmos que as reflexões são cabíveis para a educação de um modo geral, com as devidas adequações aos contextos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

INTERDISCIPLINARIDADE: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Quando a abordagem sobre os estudos interdisciplinares contempla aspectos históricos, geralmente são feitas alusões a práticas vivenciadas já em tempos remotos, como referência de realidades que podemos vincular a esse campo temático. Sob esse prisma, Cristina D'Ávila (2011) afirma que, “desde a Antiguidade clássica, experiências interdisciplinares e até mesmo transdisciplinares foram vividas” (p. 60). Como exemplo cita que o conhecimento, mesmo dividido por áreas, não era norteado pela fragmentação.

Uma compreensão básica sobre os processos de busca de conhecimento correntes ao logo dos tempos pode ser depreendida dos conceitos de triagem e mistura, de Zilberberg e Fontanille (2001, como citado em Fiorin, 2008). Essas noções, originalmente, não tratavam de métodos do campo científico, mas foram abordadas nesse domínio por Fiorin e indicam, respectivamente, os princípios elementares de exclusão e de participação subjacentes ao fazer científico. O primeiro princípio corresponde a um viés regido pela lógica da separação, em que os fatos são abordados a partir de uma visão fragmentada da realidade, sem abertura para o diálogo entre as áreas do conhecimento. O segundo princípio, por sua vez, é caracterizado pela junção, pela flexibilidade quanto à interação entre saberes para analisar os fenômenos, que, por se constituírem num todo, não podem ser compreendidos por fundamentos simplificadores, que considerem apenas pontos restritos do objeto de análise. Para Fiorin, “até meados do século



XVII, embora houvesse uma disciplinarização do conhecimento, que remontava aos gregos, predominava o fazer científico regido pelo princípio da mistura” (p. 33).

No entanto, Sommerman (2008), ao citar Klein (1996), pondera que “não seria apropriado chamar interdisciplinaridade as interações anteriores entre os saberes, mas de pré-disciplinares” (p. 35). Embora alguns aspectos metodológicos e paradigmáticos existentes desde tempos longínquos estabeleçam elos com o campo teórico da interdisciplinaridade, esta como se apresenta hoje surgiu como alternativa a uma atmosfera epistemológica que se fazia sentir pelo paradigma hegemônico da ciência moderna, orientado por uma visão mecanicista da realidade, em um contexto de mudanças científicas, tecnológicas e de transformações sociais, o que atribui identidade a essa área de saber.

Por paradigma moderno, entende-se o modelo teórico surgido com o advento científico do século XVII, guiado por uma visão racionalista, determinista, com a “noção de um mundo máquina, composto de objetos distintos” (Moraes, 2011, p. 33), em que “o conhecimento exato das leis do movimento e da configuração do universo, em qualquer instante de tempo, permite, em princípio, predizer a história completa” (Gell-Mann, 1991, como citado em Moraes, 2008, p. 38). Esse modelo propagou a ideia de objetividade e neutralidade da ciência, distanciando o sujeito do objeto de estudo, reforçando o pensamento linear, dualista, favorecendo a especialização, razão primordial para a manifestação e consolidação da disciplinaridade, que “tem seu nascedouro no séc. XIX com a formação das Universidades na era Moderna, significando, pois, uma matéria a ser ensinada.” (D’Ávila, 2011, p. 59).

No início do século XX, porém, algumas formulações como o estruturalismo (Sommerman, 2008), de Ferdinand Saussure, começam a engendrar dinâmicas de transposição de limites disciplinares. Outras teorias contradizem os fundamentos da ciência moderna, como a Mecânica Quântica, de Max Planck; e a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, que rompem com a ideia mecanicista e determinista de mundo e vão ajudar a inspirar, tempos depois, o surgimento de outras bases epistemológicas (Moraes, 2011).

Para Klein (2005, como citado em Leis, 2011), o termo interdisciplinaridade é publicado pela primeira vez no começo do século XX, “nos movimentos de reforma curricular das universidades norte-americanas e nos relatórios do Social Science Research Council — agência americana de fomento à pesquisa da área das ciências sociais” (p. 107), sendo que manifestações desse fenômeno começaram a ser percebidas em determinadas ações na década de 1940.

Foi no início da década de 1960, porém, que ocorreu, conforme Sommerman (2008), a primeira averiguação das atividades interdisciplinares, “pelo Centro de Pesquisa e Inovação Educacional da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)” (p. 36), em que foram encontradas, nesse levantamento, “cinco origens principais: o desenvolvimento da ciência, a necessidade dos estudantes, demandas para capacitação profissional, necessidades básicas da sociedade e problemas no funcionamento e administração da universidade” (Klein, 1996, p. 20, como citado em Sommerman, 2008, p. 34).

Desde então, a discussão sobre essas ideias e propostas foi disseminada por vários países, entre eles o Brasil, onde essa teoria começou a ter repercussão no final da década de 1960, “com sérias distorções, próprias daqueles que se aventuram ao novo sem reflexão, ao modismo sem medir as consequências do mesmo” (Fazenda, 2004, p. 23).

A realização do I Seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade, na Universidade de Nice (França), em 1970, é considerada por vários autores como um fato que estimulou e deu maior capilaridade e projeção ao pensamento interdisciplinar, tanto na ciência como na educação (Alvarenga et al., 2011).

Sommerman (2012) tratando sobre o advento desse movimento teórico, afirma que

Essa consciência da necessidade de desenvolver abordagens e metodologias para facilitar a articulação entre diferentes saberes e entre diferentes formas de conhecimento foi crescendo a partir da segunda



metade do século passado. Abordagens novas foram sendo convocadas para favorecer primeiro o cruzamento entre os saberes das disciplinas acadêmicas, e, depois, nas últimas três décadas, para favorecer o cruzamento entre os saberes das disciplinas acadêmicas e os conhecimentos produzidos pelos sujeitos fora da academia, mediante outras formas de conhecimento. E, para nomear e significar essas abordagens novas, que envolviam cruzamentos de saberes e de conhecimentos, foram surgindo algumas palavras novas: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade. (p. 48)

É nesse contexto que o paradigma, então vigente, passa a ser questionado mais sistematicamente, mediante a percepção de que seus fundamentos não são suficientes para a compreensão da complexidade que ora envolve o ser humano, a sociedade e a natureza. O princípio epistemológico da interdisciplinaridade se constitui, portanto, a partir do que podemos classificar como fundamentos da concepção pós-moderna da ciência, procurando uma sintonia entre as transformações por que passa a sociedade e as práticas pedagógicas e o fazer científico, estabelecendo relações entre conhecimentos de diferentes disciplinas para, entre outras finalidades, tratar os objetos de estudo a partir de uma visão mais abrangente.

INTERDISCIPLINARIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

No processo constitutivo de classificação temática da interdisciplinaridade, assim como em estudos, pesquisas e aplicações posteriores ou em curso, foram gerados vários conceitos e aspectos estruturantes desse campo teórico, chegando-se a definições diversas para conceituá-lo. São muitas as contribuições de estudiosos e pesquisadores dessa área, com elaborações convergentes em alguns pontos e também com particularidades advindas de reflexões e percepções.

Fiorin (2008) propõe uma compreensão a respeito dessa teoria a partir do significado dos elementos mórficos que constituem a sua nomenclatura, evidenciando que a palavra interdisciplinaridade provém do radical de disciplina, o mesmo de outras denominações criadas no decurso desse movimento, como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade. A diferenciação entre os termos ocorre a partir da presença de prefixos distintos — inter, pluri, multi, trans —, auxiliando a produção de novos sentidos e conceitos.

Nessa abordagem conceitual, o autor (*Id. Ibid.*) resgata o sentido etimológico da palavra disciplina, de origem latina, significando, entre outros aspectos, "o que se aprende", (*Id. Ibid.*, s.p.) e destaca, como acepções atuais do termo, "ramo do conhecimento, principalmente entendido como componente de um currículo"; e "normas de conduta", daí que podemos conceber disciplinaridade como método baseado no recorte do saber, em área de conhecimento rigidamente demarcada a ser pesquisada ou ensinada.

Na explicação das nomenclaturas derivadas da palavra disciplina, Fiorin (*Id. Ibid.*) toma multi e pluridisciplinaridade como sinônimos, haja vista a semelhança de sentido dos prefixos, e afirma que esse fenômeno ocorre quando "várias disciplinas analisam um dado objeto, sem que haja ligação necessária entre essas abordagens disciplinares", enquanto a interdisciplinaridade é sugerida, de um modo geral, como práticas de "transferência, que é a passagem de conceitos, metodologias e técnicas desenvolvidos numa ciência para outra" (*Id. Ibid.*, s.p.) e a "intersecção, em que duas ou mais disciplinas se cruzam para tratar de determinados problemas" (*Id. Ibid.*, s.p.). Quanto à transdisciplinaridade, esta ocorre "quando as fronteiras das disciplinas se tornam móveis e fluidas num permeável processo de fusão" (*Id. Ibid.*, s.p.).

Registramos que alguns autores diferenciam multi de pluridisciplinaridade, mas utilizaremos o conceito já explicitado neste trabalho. Embora o objeto deste estudo seja a interdisciplinaridade, mencionamos conceitos correlacionados a esta área para as devidas diferenciações e melhor compreensão. Nesse sentido, observamos que o viés disciplinar condiz com o enfoque fragmentado do conhecimento, com a triagem, com abordagens contornadas por fronteiras



que não são ultrapassadas pela perspectiva pluri ou multidisciplinar, visto que este princípio corresponde à “justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese” (Moraes, 2011, p. 182).

A interdisciplinaridade, por outro lado, refere-se a um paradigma que preconiza a complementaridade, a integração e inter-relação de saberes disciplinares para uma visão mais completa de fenômenos, temas ou para a resolução de problemas. De acordo com D’Ávila (2011),

Na origem, tanto a interdisciplinaridade, como a disciplinaridade, podem ser de natureza científica ou, por sua aplicabilidade na prática escolar, pedagógica. Assim, a interdisciplinaridade, no campo pedagógico, diz respeito a uma abordagem, a um só tempo, epistemológica e metodológica — é um modo de compreender o processo do conhecimento, bem como de trabalhar de modo integrado os conhecimentos disciplinares. (p. 60)

Nesse sentido, a interdisciplinaridade, “exigência da própria complexidade da realidade e da mente analítica” (Demo, 2004, p. 26), cujo sentido está na ação (Fazenda, 2004), favorece um princípio metodológico caracterizado pela troca entre especialidades, a cooperação entre profissionais, a contextualização, a abertura, visando tanto a uma compreensão mais ampla de temas, conjunturas e informações, como novos entendimentos, compreensões, com vistas a novas reflexões e práticas no processo de ensino-aprendizagem.

Em documentos oficiais da educação do Brasil, é reconhecido o caráter fragmentado, disciplinar, predominante nas práticas de ensino, e sugerida a metodologia em estudo como tentativa de superação da abordagem reducionista. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2002, p. 34), “Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista”.

Ressaltamos que o discurso interdisciplinar não sugere a eliminação de disciplinas, mas a criação de movimentos que possibilitem a relação entre elas, propiciando a superação do vácuo existente entre as divisões fragmentadoras do objeto de estudo e promotoras do reducionismo. Sobre essas ponderações, consideramos adequada a seguinte teorização:

Sabendo que as práticas interdisciplinares requerem sólidas formações disciplinares, uma vez que o pensamento interdisciplinar somente se constrói na relação com o disciplinar, o fato a observar é o de que somente uma visão crítica a respeito do conhecimento gerado na própria área ou campo de conhecimento disciplinar, assim como da própria produção de cada um dos pesquisadores envolvidos, permitirá uma abertura para se transpassar fronteiras e propiciar encontros e cruzamentos fertilizadores (Alvarenga et al., 2011, p. 64).

Por esse ângulo, avaliamos o termo disciplina como ponto de partida para a interdisciplinaridade, não somente no processo de formação da palavra, mas também do ponto de vista prático e metodológico, pois a ciência e conhecimentos produzidos no domínio disciplinar é que serão mobilizados para a configuração do paradigma em questão, que requer, como algo importante, o envolvimento de especialistas de áreas específicas, além de estudos e planejamento, com a identificação do contexto em que vai ocorrer. Cabe, no entanto, a ressalva de que a mera cooperação não assegura a interdisciplinaridade, pois esse meio pode conduzir também a multi ou pluridisciplinaridade ou a outras coisas.

Nessa lógica, vislumbrando a aprendizagem, entendemos que precisa ser assegurado ao aluno também o conhecimento disciplinar, sem o qual não há base para a interdisciplinaridade. O desafio que se apresenta é a iniciativa de práticas orientadas a colocar o discente em situações em que seja levado a mobilizar conhecimentos de



áreas diferentes e articulá-los na discussão de um evento ou assunto, de forma que se dê fluxo e conexão aos conhecimentos disciplinares, propiciando a interação destes na resolução de problemas e na compreensão de dados e fatos, criando condições para um desenvolvimento que vá além do estado de fragmentação, mediando um movimento para uma visão mais sistêmica.

Outro desafio a ser abordado é quanto à formação de profissionais que compreendam essas bases teóricas e consigam fazer com que elas se manifestem nos trabalhos docentes. Sobre essas bases, sabemos que a conceituação da interdisciplinaridade se dá por meio de classificações diversas e às vezes é situada em vários níveis de abstração, exigindo do sujeito empenho para compreendê-la. Esse ponto deve ser visto positivamente, pois como são muitos e variados os fenômenos, a existência de diversificados elementos teóricos pode aumentar a chance de se ter referenciais que atendam a diferentes situações.

Não se almeja com a interdisciplinaridade, no entanto, oferecer fórmulas, visto que se assim fosse se poderia incorrer em algo que o próprio campo teórico procura evitar, que é a simplificação e o reducionismo. Dessa forma, o trabalho interdisciplinar, além de compreensão teórica, exige estudo e planejamento metódico, com a escolha de referenciais teóricos adequados ao contexto e aos objetivos das atividades a serem desenvolvidas (Alvarenga et al., 2011). Para Fazenda (2002),

Não basta “importar” um modismo e adotá-lo como solução dos problemas atuais. É necessário questionar seu significado, verificar os benefícios que ele pode propiciar, e sua aplicabilidade, com vistas à formação do homem-pessoa. É necessário pensar a educação em termos de processo de formação desse homem, mas sempre a partir de um referencial seguro nas tentativas de renovação. (p. 35)

É pertinente, nesse contexto, atenção para a forma como as escolas lidam com essa temática e a maneira de envolvimento dos sujeitos com esse tipo de atividade. Os profissionais da educação compreendem o sentido desse modelo e estão realmente convencidos da sua pertinência ou são movidos por modismos ou mesmo seguem uma agenda imposta ou sugerida por instâncias superiores? É recorrente entre estudiosos e pesquisadores declarações dando conta de que práticas consonantes com a lógica disciplinar predominam nas escolas, às vezes até numa relação de tensão com o paradigma emergente da interdisciplinaridade, quando esta é pautada. Entretanto, não procuramos com este artigo buscar respostas para essas interrogações, embora suponhamos que nos ambientes escolares estejam imbrincados problemas concernentes às indagações feitas, dentre outros, assim como certamente existam experiências exitosas nessa área, ou seja, a escola é um espaço complexo.

Sendo assim, a interdisciplinaridade se apresenta como modelo teórico e princípio metodológico que prima pela flexibilidade e abertura para o diálogo entre conhecimentos disciplinares, propiciando uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, fazendo emergir novas compreensões e saberes, além de possibilitar um olhar mais amplo sobre a realidade em sua complexidade. Pode propiciar também a percepção de que o conhecimento é provisório, à medida que o olhar investigativo deve oportunizar novas reflexões e descobertas sobre a realidade, além de incitar o pensamento em direção ao enfrentamento de tensões e dicotomias do mundo mecanicista.

GÊNEROS JORNALÍSTICOS E A ESFERA EDUCACIONAL

A frequência do discurso jornalístico na vida das pessoas é, de modo geral, cotidiana. Gênero como a notícia chega ao público por meio da televisão, da rádio, do jornal impresso, da internet, de conversas. Possivelmente, a incorporação dos recursos tecnológicos ao convívio do sujeito o leve a uma relação aparentemente natural com esse tipo de texto, considerando que este passa a integrar a sua realidade.

Em termo de circulação, supomos apropriado caracterizar os gêneros jornalísticos, entre outros atributos, pelas dimensões espacial, temporal e discursiva. Informações sobre assuntos diversos, atinentes a fatos e ao que as pessoas estão vivendo, podem ser transpostas a diferentes lugares em tempo às vezes quase instantâneo às



ocorrências. Se pensarmos no jornal eletrônico, por exemplo, essa instantaneidade pode atingir espaços os mais longínquos, ignorando fronteiras geográficas. Os textos, construídos em dadas circunstâncias e assentados no modo como o autor e os detentores do veículo de imprensa concebem os objetos da notícia, funcionam ainda como produção ideológica.

Como os sujeitos que constituem a escola estão inseridos nessa realidade, entendemos que eles aprendem também com os meios de comunicação. E trata-se de uma aprendizagem em curso, haja vista a contínua atuação dos órgãos de imprensa. É nessa perspectiva que Schmidt (2007, p. 53) discute o jornal “como sala de aula”, por considerá-lo veículo de difusão não somente de informações, mas de maneiras de conceber os elementos da realidade, inclusive a própria escola.

Nesse sentido, percebemos a importância de a escola dialogar com os gêneros textuais jornalísticos, cujo acesso é facilitado aos estudantes pelo convívio destes com certos objetos tecnológicos. Com um celular é possível ler diferentes jornais, dos mais diversos espaços geográficos, em quantidade que seria impossível conseguir acompanhá-los. Essa integração poderia se firmar como oportunidade de práticas de ensino-aprendizagem mais conectadas a assuntos relacionados ao que os estudantes estão vivendo ou que despertem seu interesse, de modo a tornar o ensino mais significativo e contextualizado. Mesmo considerando que os alunos levam para os ambientes educacionais o seu conhecimento de mundo, propiciando a interação dessa realidade do discurso jornalístico com a esfera da aprendizagem, entendemos que a escola, ao levar em conta esse contexto, certamente terá mais condições de superar alguns reducionismos e dar mais sentido aos conteúdos curriculares, em vez de simplesmente ignorar e concorrer com a “escola” midiática.

Convém ressaltar que não pressupomos os gêneros textuais jornalísticos como necessariamente veículos da verdade, merecedores de maior credibilidade ou situados em patamar mais avançado na sociedade. Para Noblat (2002), jornalista da grande imprensa brasileira, no livro *A arte de fazer um jornal diário*,

Jornal é um negócio como qualquer outro. Se não der lucro, morre. Por isso deve estar sempre atento às necessidades dos leitores. Mas jornal também é um negócio diferente de qualquer outro. Existe para servir antes de tudo ao conjunto de valores mais ou menos consensuais que orientam o aperfeiçoamento de uma determinada sociedade. (p. 26)

Podemos inferir que a atividade de produção da notícia, entre outros gêneros jornalísticos, é caracterizada também pela tensão, em função das concorrências econômica e ideológica. O fator econômico abrange geralmente dois segmentos de público: os contratantes de serviços propagandísticos, como empresas, órgãos governamentais; e os leitores. Certamente, a quantidade de leitores influencia a demanda por propaganda. Nesse âmbito, é uma necessidade a identificação de assuntos de interesse do público, pois se um jornal não divulga determinados assuntos, outros podem divulgar.

Por outro lado, “o jornal faz parte dos interesses dos grupos que o mantém” (Cortella, 2007, p. 28), definindo as bases ideológicas em que são geradas as notícias e demais gêneros. Nesse processo, são utilizadas formas de abordagens de fatos e temas, com o uso de estratégias textuais apropriadas para o tipo de sentido que se pretende produzir. Dessa forma, determinadas informações são enfatizadas, outras secundarizadas e algumas ocultadas. Esse movimento pode levar, inclusive, a questionamentos de veículos de imprensa entre si, em função da disputa discursiva, das versões sobre os fatos.

Com base nisso, o uso dos gêneros jornalísticos nas práticas pedagógicas deve ocorrer por estarem incorporados à realidade dos sujeitos, pautando a dinâmica da vida e da sociedade, ou seja, o que as pessoas estão vivendo.

CARÁTER INTERDISCIPLINAR DO GÊNERO NOTÍCIA



A quantidade e diversidade de textos do gênero em estudo, em diferentes jornais de mesmos ou mais variados lugares do planeta, representam um volume de informações e opiniões heterogêneo e imensurável para os leitores. Os conteúdos desses gêneros são conduzidos por relatos e outros recursos textuais, abrangendo fenômenos cujo teor, dependendo da complexidade, pode dialogar com áreas distintas de conhecimento ou tipos diversos de saberes. Assim sendo, visando ao nexo entre esse tipo de texto e a sala de aula, consideramos a possibilidade de uma visão interdisciplinar como fomentadora de uma prática de ensino-aprendizagem mais ampla e contextualizada.

No contexto educacional, é certo que esse gênero pode auxiliar também a prática de abordagens disciplinares ou multidisciplinares. Uma notícia pode ser usada como base para se explorar determinado conteúdo de uma disciplina, com atenção apenas para dados do texto concernentes a essa finalidade, ou para tratar paralelamente aspectos de diferentes disciplinas, destacando informações relacionadas a áreas específicas de saber, sem estabelecer nexo entre essas informações.

Para Sampaio (2007, p. 80), porém, “os jornais, por abordar temas variados, evidenciam a multiplicidade e transversalidade do conhecimento, assustando ações docentes pautadas em modos disciplinares e estanques de lidar com os saberes”. Embora essa reflexão englobe todos os gêneros textuais jornalísticos, focaremos a notícia, por se tratar, de um modo geral, do gênero mais presente nos jornais, reportando-se a fatos correntes ou a temas e experiências em voga, gerando, até certo ponto, uma sintonia entre os órgãos de imprensa e a realidade. Essa percepção nos mostra, nesse gênero, uma dinâmica que transcende a lógica disciplinar do conhecimento, já que o texto, em sua formulação, mesmo partindo de determinadas compreensões, objetivos e recortes, procura representar uma ideia do todo. É claro que os acontecimentos, conforme sua natureza e a abordagem que recebem, são veiculados pela imprensa em níveis diversos de complexidade. Dependendo dessas circunstâncias, o texto noticioso pode conter mais ou menos elementos para um diálogo interdisciplinar, gerando a necessidade de explicitação de finalidades de atividades a serem desenvolvidas, para se estabelecer critérios para a seleção e exploração dos textos.

Consideramos, porém, que mesmo em notícia menos complexa, os dados certamente não confluem para apenas uma área do saber, podendo envolver diferentes campos de conhecimento, o que requisita, no processo de leitura, uma visão não simplificada. Além disso, como determinados fatos são noticiados por vários jornais, às vezes até de orientação ideológica diferente, reunir textos de mais de um veículo de comunicação sobre uma mesma ocorrência, provavelmente, aumenta a possibilidade de um entendimento mais amplo e profundo sobre o caso noticiado, podendo envolver a mobilização e integração de conhecimentos disciplinares de mais de uma área, promovendo a interdisciplinaridade.

Nesse sentido, podemos tratar da abordagem interdisciplinar da notícia a partir de três aspectos: o primeiro é a própria leitura. Concebemos como pertinente propor em sala de aula atividades que levem o aluno a identificar, além de pistas de sentido do texto, informações de disciplinas distintas que foram articuladas, e como funcionaram, para a produção do gênero textual, como forma de melhor interpretá-lo e inferir seu discurso.

O segundo se refere a discussões acerca de temas tratados na notícia. Presumindo que “o jornal não é uma leitura menor dentro do processo educativo, mas o convite que pode permitir, entre outras coisas, a sedução para outros conhecimentos ou informações que serão necessárias” (Cortella, 2007, p. 20), a notícia pode se caracterizar como ponto de partida para a discussão de problemas ou temas subjacentes aos fatos numa perspectiva abrangente e contextualizada.

O terceiro diz respeito à produção textual. O entrelaçamento dos dois primeiros aspectos, num trabalho que inclua a cooperação entre profissionais de disciplinas que se fizerem necessárias, pode levar a novas compreensões, entendimentos, favorecendo a produção textual.



Dessa maneira, a inclusão do gênero notícia no currículo escolar, sob o viés discutido, pode ampliar as perspectivas de estratégias de ensino-aprendizagem, oportunizando a contextualização do saber, a conectividade social, a visão mais ampla e profunda dos objetos de estudo.

4. ANÁLISE DOS DADOS

ANÁLISE DE UMA NOTÍCIA: PISTAS PARA UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

O texto do gênero notícia que vamos analisar foi veiculado pelas edições impressa e *online* do jornal *O Progresso*, de Imperatriz — MA, do dia 11 de junho de 2016, e escrito pela jornalista Thaylissa Jorge. O órgão de imprensa, fundado em 3 de maio de 1970 com periodicidade semanal, passou a circular com edições diárias a partir de 1975, sendo o jornal de circulação diária mais antigo de Imperatriz e o terceiro do Maranhão (*O Progresso*, s.d.). Desde vários anos, dispõe também de página eletrônica por meio da *internet*, de onde utilizamos a presente notícia.

A notícia a ser analisada, mesmo sendo do ano de 2016, continua atual, por se tratar de tema relativo a uma realidade com a qual convivem os habitantes da cidade e de outros lugares, motivo pelo qual justificamos a escolha do texto, que apresentamos no quadro a seguir.

FIGURA 1: Notícia publicada no jornal *O Progresso*, de Imperatriz — MA.

MORADOR TRANSFORMA TERRENO BALDIO EM PRAÇA (2016)
Por muitos anos, o terreno baldio localizado às margens do riacho Capivara, na Avenida Sabiá das Laranjeiras, bairro Santa Inês, serviu como depósito de lixo. Inconformado com a poluição e falta de educação de alguns moradores, o comerciante José Linhares (80) tomou a iniciativa de transformar o local.
Segundo José Linhares, a ideia inicial não era fundar uma praça, mas evitar que o lixo continuasse a se acumular naquela região. “O terreno estava se tornando um lixão aqui em frente das nossas casas, então eu capinei e tirei 15 carroças lotadas de lixo, depois plantei as duas primeiras árvores”, afirma. Com um trabalho diário, o comerciante foi dando forma ao terreno, que — aos poucos — foi sendo transformado em uma pequena praça: atualmente, conta com várias espécies de árvores, ainda em crescimento, canteiros com flores, bancos de madeira, iluminação extra e placas educativas, tais quais “Não jogue lixo” ou “Não estacione”, essa próxima ao semáforo.
“É simples, mas aí agora tudo é vida”, fala emocionado José Linhares. Ele conta ainda que não teve ajuda de ninguém, nem dos moradores, nem da prefeitura e muito menos de políticos. “Aí ninguém ajudou. Não foi prefeitura, não foi nenhum político, fui eu. Agora eu fico feliz de estar sendo visto como uma pessoa do bem”, diz.
Embora a construção da praça tenha evitado que os moradores jogassem lixo no local, a falta de estrutura impede que pessoas a frequentem. Por ser à beira de um riacho muito poluído, o mau cheiro incomoda quem passa por ali. “Atitudes como a desse senhor devem ser aplaudidas porque atitudes assim tornariam nossa cidade mais bonita e arborizada, mas a praça está muito próxima a um córrego que tem um forte odor e que serve como criatório para mosquitos, além do risco de desabamento”, afirma Marília Vânia (21), estudante que passa todos os dias pelo local.
“Por um ponto é bom porque o pessoal parou de jogar lixo, por outro os pneus que ele usou como canteiro ficam acumulando água e isso pode trazer doenças. São vantagens e desvantagens”, diz o vendedor Ezequias da Luz (29). Ele afirma ainda que era comum ver pessoas jogando entulho e lixo, poluindo tanto o local quanto o riacho e que depois da construção da praça as pessoas se conscientizaram.



O criador da praça afirma que fica feliz com o seu trabalho e espera que outras pessoas se inspirem em sua atitude. “Se todos nós de Imperatriz fizéssemos um pouquinho, nossa cidade pareceria uma princesa, mas ninguém faz, todos só querem destruir”, diz. José Linhares fala ainda que a população tende a culpar sempre os governantes, porém ninguém se propõe a fazer nada para mudar a situação do seu bairro ou comunidade.

FONTE: Jorge, T. (2016). Morador transforma terreno baldio em praça. *O Progresso*. www.oprogresonet.com/cidade/morador-transforma-terreno-baldio-em-praca/68900.html

Como observamos, o assunto tratado no texto é a transformação de um terreno ocioso em praça, por um morador. A ação foi motivada por um incômodo decorrente do estado em que se encontrava o local, em virtude da conduta de outros moradores e a ausência do poder público. A dinâmica do processo de transformação do ambiente levou a resultados além do que se pretendia inicialmente, com a criação de um ambiente carregado de significados.

O texto, já em seu título, traz elementos simbólicos que deixam subentendida uma novidade. O termo “morador” evoca a ideia de um sujeito pertencente a um lugar, caracterizado por formas de convivência, comportamentos, dentre outros aspectos. A expressão “terreno baldio” está situada numa realidade notada pela falta de atenção e zelo pelo meio ambiente e pelas próprias pessoas, muito comum em nossos dias. “Praça”, por sua vez, trata-se de um espaço de responsabilidade do poder público, coletivo, às vezes com aspecto paisagístico urbano que valoriza a natureza, para o bem-estar de quem dela fizer uso. Ao desenvolver a ação, o morador dedica seu tempo para atividades que visam a benefícios não apenas a si, mas também a uma coletividade, à medida que procura resolver um problema que afetava a vida daquela comunidade. Essa prática é o elemento a ser tomado como novidade nesse contexto, por contrastar com boa parte dos costumes predominantes numa sociedade em que se sobressaem o individualismo, o consumismo, a competição, a falta de solidariedade e de altruísmo.

No decorrer da leitura, percebemos a displicência e o tipo de consciência de moradores, cuja conduta referente ao assunto tratado provoca danos a si, a outrem, ao meio ambiente, enfim, à coletividade. Junta-se, a isso, a inércia do poder público no tocante a ações que coíbam o despejo de lixo em locais inapropriados, permitindo a poluição desses tipos de terrenos e de riachos, contribuindo para a existência de problemas diversos, a começar pelo risco de proliferação de doenças.

É nesse contexto que surge uma disposição individual, movida por uma consciência, para agir sobre a adversidade em questão, diferenciando o sujeito da ação em relação aos demais. Não há indício no texto, porém, da busca de envolvimento de outros moradores e agentes ou da tentativa de parceria com o poder público para fortalecer esse trabalho. Embora seja feita menção, em tom de crítica, à falta de cooperação dos “moradores”, da “prefeitura” e de “políticos”, essas referências parecem funcionar mais para reforçar e valorizar o empenho individual na realização do trabalho, cujos efeitos repercutiram na comunidade, com as pessoas passando a não jogarem mais lixo no local, sendo com isso cumprida a finalidade da iniciativa, caracterizada também como ato educativo, capaz de estimular a reflexão e ação de outros sujeitos para esse tipo de atividade.

Parte considerável das informações articuladas na construção do texto envolve conhecimentos de áreas diferentes, mobilizados e integrados em função de um assunto relatado, de compreensões e significados a serem gerados. Quando no relato são apontados elementos como a “falta de educação de alguns moradores”, “o depósito de lixo”, a “poluição” tanto do terreno quanto do riacho, assim como a ausência do poder público e a falta de contribuição da comunidade, inferimos uma interação entre dados de disciplinas como a sociologia, a biologia, a química, evidenciando a forma como determinadas pessoas se relacionam entre si, com o poder público e com o meio ambiente, bem como alguns efeitos desse comportamento.



Nesse processo, a interação se amplia com a presença de dados relacionados à matemática e à linguística, com o uso, por exemplo, do aumentativo de lixo, “lixão”, formando uma toponímia usada para designar um local em que se acumula lixo e uma noção matemática de quantidade desse produto.

Mais dados vão sendo agregados, como a retirada de “15 carroças lotadas de lixo”, a plantação de “duas árvores”, o “trabalho diário”, o formato dado ao terreno para transformá-lo em uma “pequena praça”, as “várias espécies de árvores, ainda em crescimento, canteiros com flores, bancos de madeira, iluminação extra e placas educativas”, retomando a relação entre os conhecimentos disciplinares na abordagem do assunto. A informação matemática sobre a quantidade carroças, além de sugerir uma ideia sobre como se encontrava o local e o esforço empenhado para limpá-lo, insere-se também no domínio sociológico, ao indicar o tipo de transporte usado para tal serviço, podendo caracterizar o sujeito como pertencente uma classe social não favorecida economicamente.

Outras informações citadas demonstram a evolução do trabalho e caracterizam a paisagem que foi sendo formada, com noções sobre sequência, quantidade, vegetação, formas geométricas e a criação de textos dirigidos para evitar as práticas anteriores à ação sobre o terreno.

Essa inter-relação de conhecimentos disciplinares, relacionados às áreas citadas, como a biologia, a sociologia, a química, a matemática, a linguagem, a geografia, está presente em todo o texto. Os focos de mosquitos e o “mau cheiro” ocasionados pela poluição do córrego, empecilhos para as pessoas frequentarem a “pracinha”, representam problemas que envolvem também outras comunidades e reproduzem situações vivenciadas em várias partes do mundo, evocando alguns dos resultados do desprezo com que é tratada a questão ambiental.

Ressaltamos, no texto, o uso do recurso da polifonia, ou seja, vozes independentes, dotadas de consciência (Faraco, 2013), como o principal mecanismo de manifestação do caráter interdisciplinar. As falas do comerciante, agente da iniciativa, a de uma estudante, a de um vendedor e o próprio relato do repórter, abrangem diferentes olhares sobre a experiência abordada e fazem surgir informações de áreas diversas, ajudando a propiciar uma compreensão mais ampla sobre o assunto.

Dessa forma, depreendemos que o texto em análise está inserido no discurso de sustentabilidade. Ao destacar a iniciativa em pauta, coloca-se em evidência uma realidade degradante que afeta a vida das pessoas e do planeta e enfatiza a necessidade das responsabilidades individuais e coletivas, incluindo o poder público, para uma intervenção em problemas que pode comprometer a natureza, o meio ambiente e a própria vida e o bem-estar do ser humano.

A presente análise textual corresponde ao aspecto da leitura, na perspectiva interdisciplinar. A partir dessa etapa, já poderíamos partir para atividades de produção textual. Mas esse momento de escrita pode ficar ainda mais propício com um maior aprofundamento da discussão do tema tratado na notícia, com a parceria entre profissionais de disciplinas com que as informações do texto dialogam.

O engendramento de discussões acerca de temas tratados no texto é também importante para se chegar à complexidade subjacente ao caráter supostamente óbvio da notícia. Como os jornais procuram abarcar o maior número possível de leitores, as notícias são textos geralmente acessíveis do ponto de vista semântico. Nessa lógica, as informações disciplinares, ao mesmo tempo em que se entrelaçam, tendem a aparecer a partir de noções aparentemente simples. O ato de trabalhar o tema a partir da notícia pode se tornar uma oportunidade para suscitar a busca e interação entre conhecimentos disciplinares numa perspectiva mais complexa, podendo se constituir numa dinâmica eficiente de leitura e escrita.



6. CONCLUSÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo teórico da interdisciplinaridade comporta diversas conceituações advindas de pesquisas, estudos e discussões ocorridos desde o seu surgimento. Há, no entanto, um princípio básico que identifica esse movimento, ou seja, o diálogo entre saberes disciplinares. Desse ponto emergem várias concepções, com notabilidade para a que apreende essa interação como meio metodológico de se abordar problemas ou assuntos complexos, inviáveis de serem explicados por um viés disciplinar. Sobressai-se, de igual modo, o entendimento que a toma como possibilidade de se chegar a novas lógicas, aprendizagens e conhecimentos, sem vinculação a uma disciplina.

Estudos nessa área evidenciam a predominância em nossas escolas de uma prática disciplinar arraigada, concomitante à tentativa de ampliação de iniciativas voltadas para experiências interdisciplinares. Desse modo, a compreensão e repercussão desse modelo paradigmático nas práticas de ensino é um desafio para os dias atuais. Uma dificuldade que se manifesta, certamente, é quanto à articulação dessa teoria com a realidade escolar. Alguns autores mencionam a necessidade de se ter em mente a natureza e a finalidade do trabalho que se almeja desenvolver, para se proceder à definição dos referenciais teóricos que se adequem ao contexto e ao que se pretende realizar. Com isso, a existência de diferentes concepções se torna mais relevante, em razão de aumentar as possibilidades de se contemplar variados problemas, temas, projetos e fatos, visto que estes também apresentam suas particularidades.

Nessa ótica, consideramos pertinente a utilização do gênero textual notícia, veiculado por jornais eletrônicos, nas práticas de ensino-aprendizagem, tendo em vista a presença dele na vida dos alunos, a facilidade de acesso aos jornais por meio da *internet*, em um contexto em que equipamentos eletrônicos integram a realidade das pessoas, e a possibilidade da mistura de informações relacionadas a diferentes disciplinas na elaboração desse tipo de texto.

Com base no texto que analisamos, inferimos algumas perspectivas de uso do gênero notícia em sala de aula, a partir da abordagem interdisciplinar, considerando a dinâmica de interação entre conhecimentos de áreas diferentes para a compreensão de um assunto ou problema. A primeira perspectiva é a da leitura, com atividades que levem o aluno a perceber informações disciplinares de diversas áreas presentes no texto e a forma como são articuladas para a produção de sentido. A segunda é a discussão de temas tratados na notícia, partindo de aspectos interdisciplinares presentes nela. A terceira se refere a atividades de produção textual, que podem se beneficiar das duas perspectivas mencionadas, com o aprofundamento de reflexões sobre determinados assuntos, calcadas na inter-relação entre saberes disciplinares, contribuindo para um processo de escrita com mais fundamentos e uma visão mais ampla sobre o objeto de discussão.

Essas observações podem ser levadas para diferentes níveis de ensino, resguardadas as adequações pertinentes. Dessa forma, esperamos ajudar a suscitar reflexões que vislumbrem possibilidades de uso desse gênero textual em sala de aula, a partir do viés interdisciplinar, com práticas que favoreçam também a contextualização, a abordagem mais ampla e profunda do conhecimento.



REFERÊNCIAS

- Alvarenga, A. T. de., et al. (2013). Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In A. Philippi Jr., & A. J. S. Neto. (Eds.), *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação* (Cap. 1, pp. 3–68). Manole.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. (2002). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. MEC; SEMTEC.
- Cortella, M. S. (2007). O Professor e a Leitura do Jornal. In E. T. Silva (Ed.), *O jornal na vida do professor e no trabalho docente* (pp. 13–31). Global.
- D'Ávila, C. (2011). Interdisciplinaridade e mediação: desafios no planejamento e na prática pedagógica da educação superior. *Conhecimento & Diversidade*, 3(6), 59–70. https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/issue/view/58
- Demo, P. (2004). *Pesquisa e informação qualitativa* (2.ª ed.). Papirus.
- Faraco, C. A. (2013). *Linguagem & Diálogo: as ideias do círculo linguístico de Bakhtin*. Parábola. (Trabalho original publicado em 2003)
- Fazenda, I. C. A. (2002). *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria* (5.ª ed.). Loyola.
- Fazenda, I. C. A. (2006). *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa* (13.ª ed.). Papirus.
- Fiorin, J. L. (2008). Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea: Estudos Neolatinos*, 10(1), 29–53. www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100003
- Jorge, T. (2016). Morador transforma terreno baldio em praça. *O Progresso*. www.oprogressonet.com/cidade/morador-transforma-terreno-baldio-em-praca/68900.html
- Leis, H. R. (2011). Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In A. Philippi Jr., & A. J. S. Neto. (Eds.), *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação* (Cap. 3, pp. 106–122). Manole.
- Moraes, M. C. (2011). *O paradigma educacional emergente* (16.ª ed.). Papirus.
- Noblat, R. (2002). *A arte de fazer um jornal diário*. Contexto.
- Nossa história: o início. (2016). *O Progresso* [s.d.]. <http://www.oprogressonet.com/institucional/o-inicio.html>
- Sampaio, C. S. (2007). É de Verde Que se Torce o Pepino? Quesitos e Caminhos para a Conquista do Hábito de Leitura de Jornais. In E. T. Silva (Ed.), *O jornal na vida do professor e no trabalho docente* (pp. 75–83). Global.
- Schmidt, S. (2007). Discutindo as Relações entre a Escola e o Currículo do Jornal. In E. T. Silva (Ed.), *O jornal na vida do professor e no trabalho docente* (pp. 49–56). Global.
- Sommerman, A. (2008). *Inter ou transdisciplinaridade?: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes* (2.ª ed.) Paulus.
- Sommerman, A. (2012). *A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como novas formas de conhecimento para a articulação de saberes no contexto da ciência e do conhecimento em geral: contribuição para os campos da educação, da saúde e do meio ambiente* (Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia).



DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.